

As variantes surdas da coronal /s/ no falar barrodureense: uma análise dos condicionadores linguísticos

Voiceless variants of the coronal /s/ in barrodureense speech: an analysis of linguistic conditioners

Carliane Barbosa dos Santos Silva*
Universidade Federal do Piauí

Ailma do Nascimento Silva**
Universidade Estadual do Piauí

Resumo: Este artigo é um estudo sobre a palatalização do /S/ em posição de coda, no qual se propõe realizar uma análise sociolinguística desse fenômeno linguístico. Para tanto, fundamentou-se na Teoria da Variação, sobretudo nas concepções de Labov (1972), Weinreich, Labov e Herzog (2006) e Mollica (2021). A descrição fonológica das variantes envolvidas baseou-se, precipuamente, na Fonologia Autosegmental, com enfoque na Geometria de Traços, de Clements e Hume (1995); e o tratamento da palatalização do /S/ tem como parâmetro os trabalhos de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Hora (2016), Lima (2017) e Cunha e Sales (2020). A amostra foi constituída por 1118 ocorrências das variantes [s] e [ʃ], coletadas por meio de entrevista individual gravada e da leitura de uma lista de palavras realizada com 16 participantes. Para o tratamento estatístico dos dados, utilizou-se o programa 'Goldvarb X'. Os resultados revelaram que a palatalização do /S/ é condicionada, principalmente, pelo contexto seguinte constituído pela coronal /t/. Contudo, outros fatores também se destacaram como estatisticamente relevantes para realização do fenômeno linguístico em tela, a saber: coda medial, palavras dissílabas, posição pretônica, vogais labiais e vogal dorsal. Entretanto, a significância atribuída a esses fatores parece ser apenas uma interferência do contexto seguinte supracitado.

Palavras-chave: Palatalização do /S/. Condicionadores linguísticos. Teoria da Variação. Dialeto de Barro Duro – PI.

Abstract: This article investigates the palatalization of /S/ in coda position, offering a sociolinguistic analysis of the phenomenon. This study is grounded in Variation Theory, drawing primarily on Labov (1972), Weinreich, Labov and Herzog (2006), and Mollica (2021). Phonological description of the relevant variants follows Autosegmental Phonology with an emphasis on Feature Geometry (Clements; Hume 1995), while the treatment of /S/ palatalization is informed by Brescancini (1996), Scherre and Macedo (2000), Hora (2016), Lima (2017), and Cunha and Sales (2020). The *corpus* comprises 1,118 tokens of the variants [s] and [ʃ], gathered through recorded individual interviews and a word-list reading task with 16 participants. Data were statistically analyzed using 'GoldVarb X'. Results indicate that palatalization of /S/ is chiefly conditioned by a following coronal /t/. Other factors also reached statistical significance—medial coda, disyllabic words, pretonic position, labial vowels, and dorsal vowels—although their apparent effects seem to stem from interference by the aforementioned following context.

Keywords: /S/ palatalization. Linguistic conditioning factors. Variation Theory. Barro Duro (PI) dialect.

* Doutoranda em Letras, Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Piauí, Teresina, PI, Brasil; carlianeb11@gmail.com

** Docente efetiva do Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Estadual do Piauí, Teresina, PI, Brasil; ailmanascimento@uespi.br

1 INTRODUÇÃO

A discussão acerca da heterogeneidade linguística é um trabalho que tem sido abraçado pelos sociolinguistas. É digno de nota que a variação não passa despercebida pelos falantes, todavia muitos deles a concebem como erro de uso e não como uma característica inerente a todas as línguas, razão pela qual é oportuno enfatizar que os sociolinguistas, com a descrição das variantes, contribuem com a promoção da concepção de que a heterogeneidade linguística, além de não ser um erro, ocorre de maneira regulada. Assim, desde os primeiros estudos sociolinguísticos desenvolvidos por Labov, em meados de 1960, muitas variedades e mudanças linguísticas têm sido investigadas e descritas. São estudos que reiteram a heterogeneidade sistemática da língua, bem como a relacionam com fatores internos e externos a ela.

É notório que o falar brasileiro é bastante diversificado, constituído por vários dialetos, de modo que evidenciar suas particularidades se revela um desafio que os estudos variacionistas se propõem a empreender. Essa compreensão é fundamental para trabalhar a concepção de língua como objeto heterogêneo e para assegurar (ou orientar) o respeito à fala de cada indivíduo.

Estudos variacionistas realizados no Brasil, como os de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Macedo (2004), Monteiro (2009), Cunha e Sales (2020), entre outros, promovem a descrição dos dialetos que compõem o português brasileiro. Para descrevê-los, os sociolinguistas concentram suas pesquisas na investigação das variações e mudanças pelas quais passou, e ainda está passando, a língua nas diversas comunidades de fala do país. Esses fenômenos variáveis contribuem para a desmistificação da concepção de homogeneidade da língua e, também, com o respeito e valorização da diversidade linguística.

FLP 27(1)

O /S/ em posição de coda, no português, está sujeito ao processo fonológico de palatalização, o qual dá origem às variantes alveolopalatais [ʃ] e [ʒ], a exemplo de “co[s]ta” e “co[ʃ]ta”, que têm sua sonoridade determinada pelo contexto seguinte como consequência do processo de assimilação de vozeamento. Tais variantes coexistem em muitas comunidades de fala brasileiras, mediante um processo de alternância de predominância entre elas. Em algumas comunidades, prevalece a variante [s] e, em outras, a [ʃ].

A palatalização do /S/, em posição de coda, é um fenômeno linguístico que tem despertado a atenção de muitos pesquisadores brasileiros. Várias teses, dissertações e artigos versam sobre a temática em nível nacional. Dentre esses, destacam-se os estudos de Brescancini (1996a; 2003b), realizados em Santa Catarina, Scherre e Macedo (2000) no Rio de Janeiro, e o de Hora (2016), na Paraíba. Logo, entende-se que compreender as variantes da língua do país é o primeiro passo a ser dado em direção à valorização da diversidade linguística, respeito aos diversos falares e combate ao preconceito linguístico. Desse modo, a descrição de variantes do dialeto piauiense contribui com o entendimento de que não existem falares superiores a outros, mas sim que todos os dialetos são capazes de cumprir plenamente a função comunicativa.

Em face do exposto, adotou-se a palatalização do /S/ em posição de coda no dialeto de Barro Duro - PI como objeto de investigação. Com os resultados alcançados

neste estudo, pretende-se contribuir com a descrição do dialeto barrodurense, ao mesmo tempo em que se busca preencher um pequeno espaço da lacuna existente em pesquisas variacionistas nas comunidades de fala do Piauí.

Nesta pesquisa, elegeu-se como objetivo geral analisar o processo fonológico de palatalização do /S/ em posição de coda. Com vistas a atender ao objetivo geral, elencaram-se alguns objetivos específicos, a saber: (i) descrever a palatalização do /S/ realizada na posição de coda, considerando a evidência empírica de que esse é um fenômeno categórico no dialeto diante de determinados contextos consonantais; (ii) identificar as variáveis linguísticas que favorecem e as que desfavorecem o processo; (iii) verificar a proeminência dos articuladores do segmento seguinte no processo de palatalização do /S/ em posição de coda e (iv) cotejar diferenças, em termos de frequência entre os resultados desta pesquisa com os de outras que apresentam a mesma variação do segmento nessa posição.

O artigo apresenta a seguinte estrutura: na seção 2, os aportes teóricos; na 3, os aspectos metodológicos; na 4, a discussão dos resultados da pesquisa; e na 5, as considerações finais.

2 AS CORONAIS [S] E [ʃ]

2.1 Perspectiva fonética-fonológica

Na perspectiva da Fonologia Autossegmental, os segmentos são constituídos por traços que se juntam e formam nós. Esses se encontram organizados de forma hierárquica, não havendo possibilidade de alteração dessa organização; em outras palavras, cada traço ocupa uma posição fixa na hierarquia. Conforme Clements e Hume (1995), a representação dos segmentos dá-se por meio de um arranjo de nós, os quais se organizam obedecendo a uma hierarquia, na qual os traços assumem a posição de nós terminais e os constituintes, a de nós intermediários. Assim, não é possível trocar os traços de posição; no topo, sempre estarão os traços do nó raiz e, no final, os traços de articulação. No caso do traço coronal, esse, necessariamente, virá seguido da dependente, que pode ser [+ANTERIOR] ou [-ANTERIOR].

A fonologia autossegmental dispõe de uma definição de segmentos próprios, os quais se encontram organizados em três categorias: simples, complexo e de contorno. Nesse sentido, Bisol (2005) ressalta que a teoria compreende os segmentos como um conjunto de traços organizados hierarquicamente que podem ser classificados como simples, complexos ou de contorno.

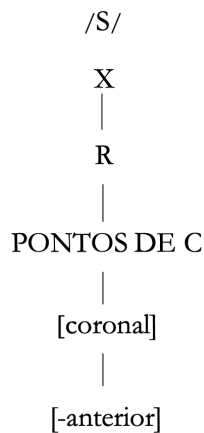
Registra-se que o português brasileiro é constituído preponderantemente por segmentos simples. Como exemplos de segmentos dessa classificação, destacam-se /p/, /s/, /k/, os quais apresentam um único ponto de articulação oral, respectivamente: labial, coronal e dorsal. Ressalta-se, ainda, que, no português brasileiro, todas as vogais são segmentos simples.

Para subsidiar a discussão a respeito dos segmentos simples, recorre-se à descrição da fricativa alveolar /s/, a qual apresenta uma articulação coronal, visto que em sua prolaxão a constrição é promovida pela parte frontal da língua. Além do mais,

FLP 27(1)

a dependente é [+ANTERIOR], dado que o articulador passivo são os alvéolos. A representação do segmento pela perspectiva desse modelo teórico encontra-se na Figura 1 a seguir.

Figura 1 – Representação da assimilação do traço voz

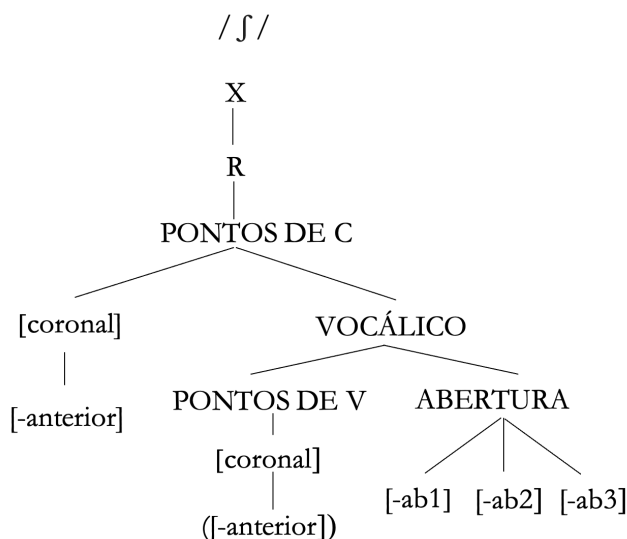


Fonte: Hernandorena (1994, p. 161).

De acordo com Clements e Hume (1995), segmentos simples apresentam um único nó de raiz e um único ponto de articulação oral. O conceito supracitado associado à geometria da fricativa /s/ explicita que o referido segmento é de natureza simples. Hernandorena (1994), em sua representação da alveolar, descreve um único nó de raiz e somente um ponto de articulação oral. Dessa forma, a fricativa /s/ atende às duas características que definem um segmento simples.

A alveolopalatal /ʃ/ é também caracterizada por uma articulação coronal, mas, nessa, a dependente é [-ANTERIOR], em virtude de o articulador passivo ser o palato duro. A fricativa alveolopalatal tem sua geometria representada na Figura 2.

Figura 2 – Representação da fricativa /ʃ/



Fonte: Hernandorena (1994, p. 161).

Para Clements e Hume (1995), os segmentos complexos dispõem-se de um único nó de raiz, porém apresentam, no mínimo, dois pontos de articulação oral.

Portanto, ao observar a geometria da alveolopalatal, representada por Hernadorena (1994), identifica-se que o segmento possui dois pontos de articulação oral, um que corresponde ao ponto de articulação consonantal e outro que corresponde ao ponto de articulação vocálico. Desse modo, considerando-se que a alveolopalatal cumpre todos os critérios que os autores utilizam para definir segmentos complexos, tem-se segurança em reafirmar que a alveolopalatal se enquadra nessa classificação.

É oportuno salientar que os dois segmentos se assemelham por serem coronais, entretanto diferenciam-se sobretudo pela quantidade de pontos de articulação oral, visto que é único na alveolar e duplo na alveolopalatal. Há ainda um outro ponto distinto entre eles: a dependente é [+ANTERIOR] na alveolar e [-ANTERIOR] na alveolopalatal.

A palatalização é um processo fonológico bastante comum nas línguas. No português brasileiro, alguns segmentos sofrem esse processo. Dentre eles, ressalta-se o /S/ implosivo. Conforme propõem Clements e Hume (1995), a palatalização equivale às consoantes que possuem articulação secundária com características vocálicas correspondentes à vogal i que se associam à articulação primária. Aponta-se o /ʃ, ʒ/ em posição de coda e o /k, t, d/ diante da coronal /i/, como exemplos dessas consoantes no português brasileiro.

É digno de nota que os condicionadores do processo de palatalização que originam o primeiro grupo e o segundo não apresentam muitas similaridades, uma vez que os segmentos /ʃ, ʒ/ sofrem palatalização sem a coronal /i/ adjacente. Além disso, os condicionadores diversificam-se pelos dialetos, ou seja, o contexto que desencadeia o processo em um dialeto pode não ser o responsável por promovê-lo em outro. Nesse sentido, Brescancini (2003, p. 308) afirma: “a palatalização caracteriza-se como um termo rótulo para uma série de processos diferenciados, envolvendo inclusive contextos indutores que extrapolam o comumente referido vocálico frontal alto [...]”.

FLP 27(1)

Ao tratar-se da palatalização do /S/, sublinha-se que muitas pesquisas corroboram o entendimento da autora. Dentre elas, destacam-se a de Scherre e Macedo (2000), na qual a vogal [+ALTA, +ANTERIOR] foi revelada como contexto favorável à realização do fenômeno; a de Bassi (2011) em que as vogais labiais se mostraram como o contexto antecedente mais favorecedor; e a de Lima (2017), na qual as vogais labiais foram apontadas como favorecedoras do fenômeno. Logo, é evidente que não se pode atribuir a nenhum segmento vocálico específico a função de condicionador do processo de palatalização do /S/, ao contrário do que ocorre com a palatalização dos segmentos /k, t, d/, que está diretamente associada à coronal /i/.

Como exemplo dessas variantes, apontam-se as produções ['pɔs.tʃi], ['pɔʃ.tʃi], ['paz.mu], ['paz.mu]. Fonologicamente, são transcritas como /poSte/ e /paSmo/. É notório que a troca da variante [s] pelo [ʃ] não provoca mudança de sentido, do mesmo modo que a substituição do [z] pelo [ʒ]. É oportuno destacar que o uso das variantes alveolares ou alveolopalatais é determinado pelo dialeto do falante. A alternância entre as variantes é explicada por Bisol (1994) como decorrência da presença do nó vocálico no arquifonema /S/, seja ele manifestado foneticamente como alveolar seja como palatal.

O /S/ em posição de coda é subespecificado para ponto e para voz, devido ao processo de neutralização que sofre nessa posição. Desse modo, defende Madruga (2018, p. 107) que “O arquifonema fricativo /S/ neutraliza o contraste de ponto da fricativa em coda, cuja produção é sensível ao vozeamento da consoante seguinte”. Portanto, as alveolares e alveolopalatais implosivas assimilam o traço [+VOZ] do segmento seguinte. Por exemplo, o /S/ antes de /m/ assimila o traço [+VOZ], manifestando-se foneticamente como um som vozeado, conforme se observa na palavra [‘mez.mu].

2.2 Processos fonológicos e princípios

Os sons de uma língua se relacionam constantemente. Então, em virtude desse contato, é comum que eles sofram modificações. Essas alterações são, na maioria das vezes, resultados de processos fonológicos. Dentre eles, destaca-se o processo de assimilação como um dos mais recorrentes, o qual é definido, na visão da Geometria de Traços, por Clements e Hume (1995, p. 20), como “[...] associação (ou ‘espraçamento’) de um traço ou nó F do segmento A para um segmento vizinho B”. É possível entender, com a afirmação dos autores, que o compartilhamento de propriedades de um segmento para outro não tem uma direção fixa, ou seja, pode ocorrer em dois sentidos: da direita para a esquerda ou da esquerda para a direita. Ademais, a assimilação nem sempre ocorre da mesma maneira, dada a possibilidade de espraçamento individual dos traços e de espraçamento coletivo de todos os traços que compõem um nó.

Além disso, o espraçamento de um traço para outro pode desenvolver duas funções: o preenchimento de traços e a mudança de traços. O fator determinante para uma ou outra ação é a presença ou ausência, no segmento alvo, do traço que é disparado. Conforme advogam Clements e Hume (1995), o preenchimento de traços dá-se por meio do espraçamento de traços para o segmento alvo que não dispõe do traço disparado. Um exemplo disso ocorre na palavra “tampa”, em que a nasal /m/ espraia o traço nasal para a vogal /a/, que não possui esse traço.

Já a mudança de traços ocorre amparada pela presença do traço disparado no segmento alvo. Tal situação é explicada por Clements e Hume (1995): o modo mudança de traços é aplicado quando o segmento alvo possui o traço disparado, no qual o valor do traço do segmento alvo é substituído pelo valor do traço disparado. Em vista disso, evidencia-se a prevalência do valor do traço do segmento disparador.

Conforme já discutido, a assimilação é um processo que consiste no espraçamento de traços de um segmento para outro. Todavia, é possível ainda que esse fenômeno se realize por meio do espraçamento de um nó por inteiro. Segundo Clements e Hume (1995, p. 21), “Se o nó de raiz se espraia, o segmento afetado adquirirá todos os traços do disparador. No modo de mudanças de traço, este resultado é frequentemente chamado de assimilação total ou completa”. A assimilação total somente é possível ao nó de raiz, e os traços que compõem esse nó não se espraçam individualmente.

O espraçamento de nós não é exclusividade do nó de raiz; outros nós também podem se espraçar. Contudo, nesses casos, não se trata de uma assimilação total, mas sim parcial. Conforme ressaltam Clements e Hume (1995), a assimilação parcial pode ocorrer com nós de classe de nível mais baixo na hierarquia, consistindo na assimilação de apenas alguns traços do segmento disparador. Diante do exposto, pode-se presumir que a

FLP 27(1)

assimilação total é menos recorrente, devido ao fato de ser restrita ao nó de raiz, enquanto a assimilação parcial pode ocorrer com outros nós.

Além da assimilação total e parcial, ambas envolvendo os nós, há um terceiro tipo de assimilação, a qual ocorre somente com os traços terminais, assim denominada por Clements e Hume (1995, p. 22) como “assimilação de traço único”. Como exemplos de traços terminais, citam-se os traços [ANTERIOR] e [DISTRIBUÍDO]. É relevante enfatizar que o espriamento de traço(s) de um segmento para outro nem sempre ocorre de forma harmoniosa, dado que muitas vezes o contato entre o traço espriado e o traço do segmento alvo provoca um efeito negativo. Esse fenômeno recebe o nome de dissimilação, o qual é definido por Clements e Hume (1995) como o processo que consiste na falha de um segmento provocada pelo encontro entre o traço de dois segmentos adjacentes ou próximos. No entanto, o próprio processo dissimilatório prevê a maneira de corrigir a falha, a qual ocorre basicamente por meio de desligamento. Conforme explicitam Clements e Hume (1995, p. 25), “[...], a dissimilação pode ser expressa como um efeito de desligamento, de acordo com o qual um traço ou nó é desligado de um segmento; o nó órfão é, então, apagado por meio de uma convenção geral”. A asserção dos autores evidencia que a dissimilação apresenta um comportamento variável, dada a possibilidade de desligamento de um único traço como também de um nó completo.

2.3 As variantes [s] e [ʃ]: um olhar sociolinguístico

Os estudos sociolinguísticos têm como principal objetivo analisar e descrever a variabilidade de fenômenos linguísticos. Nas línguas naturais, é possível expressar a mesma ideia por meio de palavras diferentes e, também, pronunciar o mesmo vocábulo de forma distinta. Um exemplo disso ocorre no português brasileiro com as palavras “abóbora” e “jerimum”, que são usadas em regiões diferentes do país para nomear o mesmo alimento. Todavia, a variação não se restringe ao nível lexical, ela também atua no nível fonético-fonológico. Como exemplificação deste último, expõe-se as produções “ra[s]pa” e “ra[ʃ]pa”, nas quais o /S/, em posição de coda, pode se manifestar como um segmento alveolar ou alveolopalatal.

Na posição supracitada, o /S/ assume papel de variável, cujas [s] e [ʃ] são **suas variantes**. É oportuno explanar que a definição de uma variável ocorre de forma sistemática. Nesse sentido, afirmam Weinreich, Labov e Herzog (2006, p. 107) que “uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística; de outro modo, se estará simplesmente escancarando a porta para regras em que frequentemente, ocasionalmente ou às vezes se aplicam”. Esses autores evidenciam que, para uma pronúncia ser considerada variável em uma língua, é necessário que sua utilização esteja condicionada por fatores bem definidos; esse condicionamento é o que garante seu pertencimento à estrutura linguística. Acrescenta-se, ainda, que o condicionamento é um dos responsáveis por manter a organização das línguas.

As variedades de expressão são denominadas pela Teoria da Variação como variantes linguísticas sobre as quais Labov declara (1972, p. 221) ser “comum que uma língua tenha diversas maneiras alternativas de dizer a mesma coisa. Algumas palavras, como ‘carro’ e ‘automóvel’, parecem ter o mesmo referente; outras têm duas pronúncias,

como ‘cantando’ e ‘cantano’”. O falante pode utilizar qualquer uma das variantes que constituem uma variável, tendo em vista que elas compartilham o mesmo significado e, desse modo, transmitem a mesma ideia.

É válido destacar que a seleção de uma variante por um falante não é casual; pelo contrário, há uma série de fatores que condicionam a sua utilização. A respeito desse condicionamento, ressalta Mollica (2021) que uma variável é dependente pelo fato de que a escolha de qual das variantes empregar é controlada; esse controle é exercido por variáveis independentes, que podem ser de natureza linguística ou extralinguística. Para evidenciar a relação de uma variável dependente com uma independente, expõe-se um resultado da pesquisa realizada por Hora (2016), a qual constatou que a consoante dental surda /t/ no contexto seguinte é uma forte condicionadora da palatalização do [s], visto que alcançou um peso relativo de 0,81. Dessa maneira, conclui-se que a realização do [ʃ] não é aleatória, mas condicionada pela variável independente do contexto seguinte constituído pelo segmento /t/. Nesse caso específico, a variável independente que se sobressai como condicionadora da palatalização do /s/ é de natureza linguística.

Os fatores linguísticos e extralinguísticos atuam no favorecimento ou desfavorecimento de uma variante, mantendo uma determinada conexão. No que concerne a essa relação, defende Mollica (2021) que as variáveis linguísticas e extralinguísticas se correlacionam, exercendo, desse modo, o papel de inibidor ou favorecedor ao uso das variantes que compartilham o mesmo significado. Na verdade, estes são alguns dos grandes desafios dos estudos variacionistas: identificar, mensurar e descrever a relação das variáveis com a produção de uma variante.

3 ASPECTOS METODOLÓGICOS

FLP 27(1)

Trata-se de um estudo que tem como objeto a palatalização do /S/ em posição de coda, no dialeto de Barro Duro – PI, a qual introduz duas variantes no português brasileiro: [ʃ, ʒ]. Por esse motivo, classifica-se como uma pesquisa sociolinguística.

O *corpus* foi constituído por amostras de fala estratificadas de 16 participantes barrodurenses. Para selecioná-los, baseou-se em quatro critérios: ser natural de Barro Duro, morar em Barro Duro, ter entre 15 e 56 anos de idade e possuir, no mínimo, o ensino fundamental. A estratificação dos participantes pode ser melhor compreendida por meio da Tabela 1 a seguir.

Tabela 1 – Estratificação dos participantes

Faixa etária	17 – 34		36 – 47	
	M	F	M	F
Sexo/gênero				
Ensino fundamental	1	1	1	1
Ensino médio	1	1	1	1
Ensino superior	2	2	2	2
Total	16			

Fonte: Elaborado pelo autor.

Em virtude da necessidade de atender aos procedimentos éticos que dizem respeito à pesquisa com seres humanos, o projeto, que culminou neste artigo, foi submetido e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade Estadual do Piauí

- UESPI, o qual foi protocolado na Plataforma Brasil com o número do CAAE: 67993623.9.0000.5209 e parecer: 5998238.

Para a coleta de dados, utilizaram-se dois instrumentos, a saber: entrevista de experiência pessoal e lista de palavras. As entrevistas foram gravadas no período de 15 a 21 de abril de 2023, as quais abordaram o tema ‘Pandemia da Covid-19’. Escolheu-se essa temática pelo fato de que a sociedade acabara de vivenciar uma pandemia e, por esse motivo, a temática era dotada de potencial emotivo, o que contribui para minimizar os efeitos do paradoxo do observador e, assim, aumentam-se as chances de surgimento da fala vernacular ou daquela que mais se aproxima dela. Embora tenha-se utilizado um único tema, foi possível vinculá-lo a outros, tais como: educação, renda e saúde. Dessa forma, potencializaram-se as chances de os participantes depararem-se com um tópico que os deixasse mais à vontade e, conseqüentemente, produzisse uma fala mais espontânea.

Para evitar pausas muito longas durante a entrevista ou a falta de assunto que pudesse resultar em um tempo de gravação insatisfatório, adotou-se um roteiro de perguntas para nortear a conversa. Todas as questões foram cuidadosamente elaboradas para diminuir a possibilidade de respostas limitadas a um simples ‘sim’ ou ‘não’, pois estas, certamente, não trariam resultados favoráveis. A seguir, expõe-se um exemplo das perguntas realizadas: “Qual a frequência e por quais motivos você saía de casa durante o período de isolamento social imposto pela pandemia?”

O segundo instrumento de coleta de dados utilizados foi uma lista de palavras, constituída por 43 vocábulos, em todos os quais o /S/ ocupava a posição de coda, seja medial ou final. Nessa elaboração, tomou-se o cuidado de constituí-la com termos de variadas classes morfológicas, diferentes tamanhos, posições de coda distintas, bem como diferentes posições da fricativa em relação à sílaba tônica e contextos fonológicos antecedente e seguinte variados. Essa decisão foi tomada para garantir a presença das variáveis linguísticas independentes controladas na pesquisa. A título de amostra da lista de palavras, destacam-se os vocábulos “pasta”, “pista”, “escama” e “biscoito”.

Como variável dependente, elegeu-se a palatalização do /S/ em posição de coda, considerando, de maneira exclusiva, as variantes surdas: [s] e [ʃ]. Logo, realizou-se uma análise binária. Já as variáveis linguísticas controladas totalizaram seis, que foram: contexto fonológico antecedente, contexto fonológico seguinte, posição da fricativa na palavra, classe morfológica, número de sílabas e posição da fricativa em relação à sílaba tônica.

Nos 286 minutos de entrevistas, identificaram-se 1.118 (mil cento e dezoito) ocorrências do /S/ em posição de coda, das quais 452 emergiram das respostas às perguntas realizadas pelo pesquisador e 666 da leitura da lista de palavras, as quais receberam uma codificação em que constavam 11 caracteres. Para realizar o tratamento estatístico dos dados e assim comprovar a significância das variáveis independentes para a ocorrência do fenômeno linguístico, escolheu-se o programa ‘Goldvarb X’.

4 ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

Nesta seção, serão apresentados os resultados alcançados nesta investigação. Inicialmente, discutem-se a predominância das variantes na comunidade de fala em

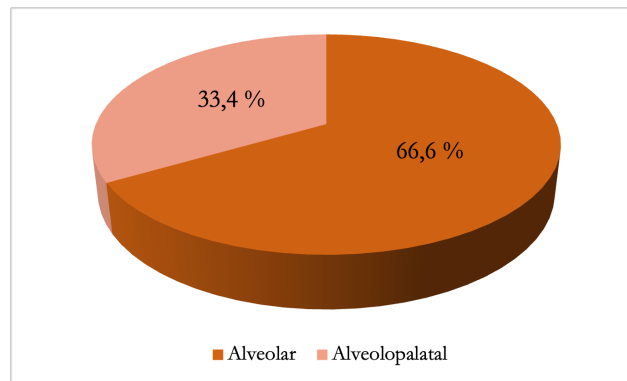
FLP 27(1)

pauta e, em seguida, os resultados da significância das variáveis independentes com relação à produção das variantes [s] e [ʃ].

4.1 Frequência global das variantes

Os resultados obtidos com a rodada dos dados no programa ‘Goldvarb X’ revelaram que a comunidade de fala de Barro Duro – PI, de forma geral, produz mais a variante alveolar [s] do que a variante alveolopalatal [ʃ], ao mesmo tempo que demonstram a coexistência das duas variantes na comunidade. É importante ressaltar que os percentuais de produção da variante alveolar [s] não a definem como variante categórica do dialeto em questão. Esses resultados estão representados na Figura 3.

Figura 3 – Distribuição geral das variantes surdas da coronal /S/



Fonte: Elaborado pelo autor.

As variantes foram produzidas 1.118 (mil cento e dezoito) vezes. Desse total, 373 (33,4%) correspondem à variante alveolopalatal e 745 (66,6%) à variante alveolar. Com base nos resultados expostos na Figura 3, infere-se que no dialeto barrodurenses predomina a realização da variante alveolar [s]. A referida variante registrou quase o dobro do percentual da variante alveolopalatal [ʃ]. É digno de nota que o dialeto de Barro Duro – PI, até o momento, não havia sido pesquisado. Entretanto, parte-se da hipótese de que a variante alveolar é predominante nessa comunidade de fala. Essa suposição é alicerçada em fatos empíricos, visto que é possível perceber em conversas cotidianas que a variante ocorre em contextos diversos, enquanto a produção da variante alveolopalatal [ʃ] parece estar restrita ao contexto seguinte constituído pela coronal /t/. A título de exemplo, destacam-se as pronúncias das palavras “pa[ʃ]ta”, “po[ʃ]te” e “pi[ʃ]ta”.

A distribuição das ocorrências expostas na Figura 3 revela uma divergência em relação às pesquisas de Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Monteiro (2009) e Bassi (2011), visto que, em todas elas, a variante alveolopalatal foi apontada como predominante. Entretanto, os resultados convergem com os das pesquisas de Macedo (2004) e Lima (2017), em que a realização alveolar é preponderante. É oportuno salientar que as pesquisas que condizem com esta foram também realizadas em comunidades de fala da região Nordeste.

FLP 27(1)

4.2 Variável ‘contexto fonológico seguinte’

A variável ‘contexto fonológico seguinte’ foi a primeira selecionada pelo programa como relevante ao processo de palatalização do /S/ na amostra pesquisada. À vista disso, inicia-se com ela a discussão a respeito dos condicionadores linguísticos desse fenômeno. Os dados da aplicação do [ʃ], em função do contexto seguinte, estão disponibilizados na Tabela 2.

Tabela 2 – A influência do contexto fonológico seguinte na realização da alveolopalatal [ʃ]

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Coronal t				
Pa[ʃ]ta	390	371	95,1%	0,98
Pi[ʃ]ta				
Ausente				
Doi[ʃ]	189	1	0,5%	0,01
Dorsal k				
Bi[ʃ]coito	232	1	0,4%	0,01
Total	811	373	33,4 %	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

É possível observar nos dados que, das 390 ocorrências com esse contexto, 371 correspondem à aplicação da alveolopalatal [ʃ], atingindo um percentual de 95,1% de aplicação, o que configura uma regra semicatórica. Segundo Labov (2003), a regra categórica ocorre em 100% dos casos, enquanto a regra semicatórica ocorre entre 95% e 99%.

A aplicação da alveolopalatal [ʃ] diante da coronal /t/ atingiu um peso relativo de 0,98, resultado que revela esse fator como um importante condicionador do processo de palatalização do /S/. Já diante da dorsal /k/ e na ausência de contexto seguinte, a variante alcançou peso de apenas 0,01 em ambos os contextos, situação que evidencia o papel inibidor do fenômeno desempenhado por esses dois fatores. O contexto ausente ocorre quando o /S/ se encontra no final da palavra, isto é, em posição de coda externa. Logo, esses resultados permitem concluir que, nessa comunidade de fala, a coronal /t/ não é apenas o contexto seguinte mais favorável ao fenômeno, mas também a principal responsável pela realização do processo de palatalização do /S/. À vista disso, expõem-se exemplos dessas produções.

- (1) Participante 9 (gênero feminino, faixa etária II, ensino médio).
- Teve re[ʃ]trição bem no começo.
 - As mudanças tri[ʃ]tes.
 - Mais sobressai, conqui[ʃ]tei a estabilização de não fechar, né.

É válido salientar que as duas palavras que sofreram palatalização sem a coronal /t/ no contexto seguinte, a saber: “dois” e “biscoito”, possuem a vogal coronal /i/ como contexto antecedente. Contudo, não se pode afirmar que esse fator tenha exercido influência no fenômeno, mas isso pode ser um indício de sua contribuição para esse resultado. O caso de apenas uma ocorrência sem contexto seguinte ter sofrido palatalização reforça ainda mais a concepção de que o contexto seguinte exerce grande influência nesse fenômeno linguístico. Quanto às duas ocorrências, outro aspecto

FLP 27(1)

também precisa ser mencionado: ambos os participantes que realizaram as produções são do gênero masculino, porém são de faixas etárias e escolaridades diferentes.

Sublinha-se que o número de ocorrências dos fatores ‘contexto ausente’, ‘coronal’, ‘dorsal’ e ‘labial’, respectivamente, 189, 390, 232 e 308, não pode ser utilizado como justificativa para a pouca aplicação ou a não aplicação da variante [ʃ] nesses ambientes. Um fato que afasta totalmente a possibilidade de associação entre o número de ocorrências e a produção da alveolopalatal é o caso do fator ‘labial’, que conta com 308 ocorrências e, mesmo assim, o [ʃ] não foi produzido.

Desse modo, pode-se afirmar que esses resultados são consequências da influência da articulação desses segmentos, nos quais a articulação coronal os favorece; ao passo que a dorsal, labial, bem como a ausência de uma articulação no contexto seguinte os inibem. Portanto, o articulador ativo envolvido na prolatação dos segmentos que constituem o contexto seguinte é determinante para a realização do fenômeno.

Enfatiza-se que, das 390 ocorrências com a coronal /t/ no contexto seguinte, somente 19 foram realizadas com a variante alveolar [s], e 11 dos 16 participantes pronunciaram somente a alveolopalatal [ʃ] quando o /t/ ocupava essa posição. As 19 aplicações da variante [s] tornam-se inexpressivas diante das 371 aplicações da variante [ʃ]. Ademais, não se pode deixar de destacar que todas as pronúncias com a variante alveolar, nesse contexto, ocorreram durante a leitura da lista de palavras, instrumento que facilita um maior monitoramento da fala pelo participante, contribuindo para o surgimento de fala com um nível de formalidade mais alto. Esse papel desempenhado pela lista de palavras já foi observado por Labov (1972).

Por outro lado, a baixa aplicação nos contextos seguinte, dorsal e ausência de contexto, e a não aplicação diante de consoantes labiais apontam que, nessa comunidade de fala, a palatalização do /S/ é condicionada quase que de maneira exclusiva pela coronal /t/. Essa constatação justifica a predominância da variante alveolar nessa comunidade de fala, tendo em vista que ela é condicionada por mais contextos, a saber: dorsal, labial e contexto seguinte ausente.

Esses resultados endossam o que Silva (2021) sugere quanto à capacidade de o contexto modificar um som, ao mesmo tempo que convergem com as pesquisas de Macedo (2004) e Hora (2016), nas quais o contexto seguinte constituído pela coronal /t/ se revelou um importante condicionador do processo de palatalização do /S/. Não obstante, divergem da pesquisa de Brescancini (1996), em que a coronal /t/, nessa mesma posição, se revelou desfavorável à realização da variante alveolopalatal.

Portanto, infere-se que o contexto seguinte, constituído pela coronal /t/, assume um papel de destaque no favorecimento da variante [ʃ] nessa comunidade de fala, dado que, nesse ambiente, a variante alveolopalatal é semicategórica.

4.3 Variável ‘posição da fricativa’ na palavra

A posição do /S/ na palavra tem se destacado como fator capaz de exercer influência no processo de palatalização. Desse modo, ao iniciar-se esta pesquisa, acreditava-se que a posição de coda medial era a mais favorável à realização da variante [ʃ]. Os resultados encontrados confirmaram a hipótese. Os dados que conduziram a essa

FLP 27(1)

conclusão podem ser observados na Tabela 3, a seguir.

Tabela 3 – Realização da alveolopalatal [ʃ] em função da posição na palavra

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Coda medial				
E[ʃ]tado	927	372	40,1%	0,84
Pre[ʃ]tava				
Coda final				
Doi[ʃ]	191	1	0,5%	0,00
Total	1118	373	33,4 %	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Observa-se, na Tabela 3, que a aplicação da variante [ʃ] em posição de coda final alcançou peso relativo de 0,00. Com esse resultado, é possível afirmar que o referido fator desfavorece a palatalização do /S/. A única realização alveolopalatal nesse contexto ocorreu com o numeral “dois”, um vocábulo que compunha a lista de palavras. A baixa aplicação da variante nesse contexto corrobora a influência do contexto seguinte na realização do fenômeno. Além disso, é importante enfatizar que não se deve atribuir esse resultado ao número de ocorrências do /S/ em posição de coda final, visto que havia 191 possibilidades de aplicação da variante nesse ambiente. Enquanto isso, a produção da variante alveolopalatal, na posição de coda medial, atingiu peso relativo 0,84, resultado que aponta a coda medial como um forte condicionador da variante alveolopalatal [ʃ].

No contexto de coda final, registrou-se uma discrepância no número de aplicações de mais de 99% entre as variantes, sendo a alveolar a mais realizada. Já quando se trata da posição de coda medial, essa demonstra um maior equilíbrio entre as duas produções, com 40,1% da variante alveolopalatal e 59,9% da variante alveolar. Entretanto, a variante alveolar é responsável pelo maior número de aplicações também nesse contexto. Para efeito de ilustração, listam-se três dessas realizações:

- (2) Participante 10 (gênero masculino, faixa etária II, ensino fundamental).
- Assim que chegou nos e[ʃ]tados.
 - Assi[ʃ]tia porque precisava saber.
 - Meu filho go[ʃ]tava.

Enfatiza-se que esses resultados estão em consonância com os de Brescancini (1996), Monteiro (2009) e Bassi (2011). Em todos esses estudos, o fator coda medial destacou-se como relevante para a realização da variante alveolopalatal [ʃ]. É pontual salientar, ainda, que, nas pesquisas consultadas nesta investigação com esse objeto, o fator coda medial apresentou peso relativo superior ao da coda final, embora em alguns deles tenha atingido peso próximo do ponto neutro, como é o caso do estudo realizado por Lima (2017).

4.4 Variável ‘número de sílabas’

A variável ‘número de sílabas’ tem-se revelado, em muitas pesquisas da área, capaz de influenciar a ocorrência das variantes alveolar e alveolopalatal. A hipótese inicial de que as palavras trissílabas eram as mais favorecedoras do processo de palatalização do /S/ foi

refutada. Os resultados que conduziram a essa conclusão estão organizados na Tabela 4, a seguir.

Tabela 4 – A influência do número de sílabas na palatalização do /S/

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Dissílabo				
Pi[j]ta	217	110	50,7%	0,81
Po[j]te				
Polissílabo				
Di[j]tribuído	146	68	46,6%	0,50
Di[j]tanciamento				
Trissílabo				
E[j]tranho	665	184	29,2%	0,48
Re[j]trita				
Monossílabo				
Doi[j]	90	1	1,1%	0,04
Total	1118	373	33,4 %	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os resultados apresentados na Tabela 4 apontam os fatores monossílabos e trissílabos como inibidores do processo de palatalização do /S/, uma vez que alcançaram, respectivamente, os pesos 0,04 e 0,48. É importante sublinhar que o número de ocorrências de palavras monossílabas é o menor entre todas as outras classificações; todavia, as palavras trissílabas registraram o maior número de ocorrências e, mesmo assim, atingiram um peso que revela seu desfavorecimento ao fenômeno. Logo, seguindo esse raciocínio, não se deve atribuir o baixo peso relativo alcançado pelos monossílabos ao número de ocorrências do /s/ nesse contexto. Enquanto isso, as palavras polissílabas atingiram um peso neutro de 0,50, o que significa que elas não favorecem e nem desfavorecem o fenômeno em estudo.

Observa-se que as palavras dissílabas alcançaram um peso relativo de 0,81, resultado que demonstra que tal fator atua como um condicionador da palatalização do /S/ nesse dialeto. Em vista disso, infere-se que, nesta comunidade de fala, a palatalização é favorecida pelas palavras dissílabas e inibida pelas monossílabas e trissílabas, enquanto as polissílabas se revelam indiferentes ao processo.

Os pesos relativos revelados na Tabela 4 evidenciaram os fatores favoráveis, desfavoráveis e neutros para a produção da variante alveolopalatal [j]. Contudo, considera-se oportuno discutir os percentuais de produção das variantes alveolar e alveolopalatal em função dessa variável.

Esses dados apontam que as palavras monossílabas são responsáveis pela maior discrepância entre o número de realizações alveolares e alveolopalatais. Isso fica explícito pelo fato de apenas 1,1% dos monossílabos terem sido realizados com a variante [j] e 98,9% com a variante alveolar [s]. Outra disparidade se concretiza entre as trissílabas, uma vez que a alveolopalatal é responsável por somente 29,2% das realizações, enquanto as alveolares correspondem a 70,8% delas. Os resultados demonstram, ainda, que há um certo equilíbrio entre as ocorrências das palavras dissílabas e polissílabas, com variações em torno de 1% e 7%, respectivamente. Conclui-se, ainda, que a maior aplicação da variante [j] se encontra nas palavras dissílabas, com registro de 50,7%. Além disso, esse foi o único

FLP 27(1)

grupo em que a aplicação da variante alveolopalatal foi superior à da alveolar. Identifica-se essa aplicação nos exemplos a seguir:

- (3) Participante 2 (gênero masculino, faixa etária I, ensino fundamental).
- E tinha toda aquela que[ʃ]tão do medo.
 - Com sacolas no ro[ʃ]to.
 - Na época que tava os te[ʃ]tes iniciais.

É importante registrar que não se pode afirmar que a produção da variante [ʃ] cresce com o aumento do número de sílabas das palavras, visto que a menor aplicação ocorre com o menor número de sílabas, porém a maior ocorre nas palavras dissílabas e não nas polissílabas.

Os resultados corroboram parcialmente os achados de Scherre e Macedo (2000), que também selecionaram a variável número de sílabas como relevante para a palatalização do /S/. A parcialidade reside na quantidade de sílabas das palavras que se mostraram favorecedoras. Em Scherre e Macedo (2000), as polissílabas destacaram-se como as mais favoráveis, enquanto, neste estudo, as dissílabas assumiram o posto de mais favorecedoras do processo, ao alcançar o peso relativo mais alto. Eles confirmam também, em parte, os de Bassi (2011). Nesse estudo, o número de sílabas revelou-se um influenciador do fenômeno; entretanto, o fator mais favorecedor dessa variável foram as trissílabas, com aplicação de 84,1%, enquanto as monossílabas atingiram um percentual de 83,3%, e as dissílabas, 72,1%. Esses resultados endossam também os de Hora (2016), em que a variável foi a quarta selecionada como relevante.

FLP 27(1)

4.5 Variável ‘posição da fricativa em relação à sílaba tônica’

Por influência de resultados alcançados em algumas pesquisas sobre a palatalização do /S/ em comunidades de fala brasileiras, construiu-se a hipótese de que a posição pretônica da fricativa favorece a palatalização do /S/. A relevância desse fator já foi constatada em várias pesquisas sobre esse tema (Brescancini, 1996; Scherre; Macedo, 2000; Monteiro, 2009; Lima, 2017).

A variável foi subdividida em três fatores, a saber:ônico, pretônico e postônico. O fator postônico apresentou 100% das realizações alveolares, ou seja, das 74 ocorrências em que o /s/ estava localizado depois da sílaba tônica, todas foram realizadas com a variante [s], fato que proporciona segurança para se afirmar que a posição postônica inibe a palatalização do /S/ na comunidade de fala de Barro Duro – PI. Como demonstração dessas aplicações, destaca-se alguns exemplos:

- (4)
- Minha rotina ante[s] da pandemia (Participante 2, gênero masculino, faixa etária I, ensino fundamental).
 - O víru[s]da covid (Participante 3, gênero feminino, faixa etária I, ensino médio).
 - Mai[s] ou meno[s] (Participante 9, gênero feminino, faixa etária II, ensino médio).

Identifica-se que os /s/ nessas palavras, além de se encontrarem na posição postônica, também estão em posição de coda final, um ambiente que se revelou, nesta pesquisa, como desfavorável à produção alveolopalatal, situação que sinaliza para a uma possível interferência da posição de coda nesse resultado.

É importante mencionar que os resultados confirmaram a hipótese adotada, dado que a posição pretônica alcançou um peso relativo que demonstra sua significância para o processo, enquanto a posição tônica revelou o contrário. Essas informações estão distribuídas na Tabela 5.

Tabela 5 – A influência da tonicidade na palatalização do /S/

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Pretônica				
Go[ʃ]tei	784	288	36,7%	0,60
Fe[ʃ]tiva				
Tônica				
Vi[ʃ]ta	258	85	32,9%	0,22
Tri[ʃ]te				
Total	1042	373	33,8%	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Os dados da Tabela 5 revelam que a tonicidade não exerce influência na realização da variante alveolopalatal [ʃ]. Na posição tônica, a variante alveolopalatal registrou um peso relativo de 0,22, valor que torna explícito que a palatalização do /S/ não é condicionada por esse fator. Enquanto isso, a posição pretônica, ao atingir um peso de 0,60, destaca-se como favorecedora do processo em estudo. Os resultados apontam que, nessa comunidade de fala, a variante alveolopalatal é inibida pelos fatores tônicos e postônicos e é condicionada pela posição pretônica. Não se pode afirmar que o número de ocorrências da variante nas posições pretônica e tônica tenha exercido influência nesse resultado.

A porcentagem de aplicação da alveolopalatal nas posições tônica e pretônica demonstra um certo equilíbrio, dado que se distinguem por apenas 3,8%, com predomínio da posição pretônica. Os dados revelam que, na posição pretônica, a produção alveolopalatal apresenta um registro de 36,7%, enquanto a produção alveolar é responsável por 63,3% das produções. Já na posição tônica, a variante alveolopalatal é responsável por 32,9%, e a variante alveolar por 67,1%. É conclusivo que não há uma grande discrepância na aplicação das variantes em relação a essa variável, visto que a alveolar registra, nessas posições, percentuais em torno de 63% e 67%, e a alveolopalatal, 32% e 36%.

Portanto, esses resultados corroboram os de Brescancini (1996), Bassi (2011) e Lima (2017), nos quais a posição pretônica se destacou como a mais favorável ao processo. Por outro lado, divergem dos resultados de Macedo (2004) e Monteiro (2009), visto que, nessas pesquisas, a variável foi considerada irrelevante. O cotejamento entre os resultados dessas investigações leva a presumir que, dentre todas as posições que a fricativa pode ocupar em relação à sílaba tônica, a postônica é a que mais inibe a aplicação da variante [ʃ].

4.6 Variável ‘contexto fonológico antecedente’

O ‘contexto fonológico antecedente’ é apontado em muitas pesquisas, a saber: Brescancini (1996), Macedo (2004), Bassi (2011) e Hora (2016), como capaz de exercer influência na realização da alveolopalatal [ʃ]. Foi com base nesses resultados que ele foi eleito como variável independente nesta investigação. Parte-se da hipótese de que as vogais labiais, como contexto antecedente, são as que mais favorecem a palatalização do /S/. Os resultados confirmaram a hipótese adotada, uma vez que a produção da alveolopalatal [ʃ] com o contexto antecedente labial alcançou um peso relativo de 0,70, o maior entre todos os fatores do grupo, os quais podem ser observados na Tabela 6.

Tabela 6 – Contexto antecedente e realização da variante [ʃ]

Fator	Ocorrência	Aplicação	%	Peso relativo
Labial				
Aco[ʃ]tumado	139	68	48,9%	0,70
Go[ʃ]tei				
Dorsal				
Pa[ʃ]ta	134	56	41,8%	0,56
Pa[ʃ]tel				
Coronal				
Pi[ʃ]ta	845	249	29,5%	0,45
E[ʃ]tudava				
Total	1118	373	33,5 %	-

Fonte: Elaborado pelo autor.

Com base nos pesos relativos explícitos na Tabela 6, conclui-se que as vogais coronais, ao atingirem um peso relativo de 0,45, demonstram não favorecer nem desfavorecer o fenômeno em questão, visto que esse peso é considerado neutro. Enquanto isso, a vogal dorsal, ao alcançar um peso de 0,56, e as labiais, ao atingirem um peso relativo de 0,70, revelam-se como fatores favoráveis à palatalização do /S/. Esses resultados conduzem à conclusão de que o fator labial é um forte condicionador da variante [ʃ] nessa comunidade de fala.

É notório que as vogais labiais são o contexto precedente responsável pelo maior percentual de produção da variante alveolopalatal [ʃ], a qual atingiu quase 49% das realizações, com uma diferença de aplicação de uma variante para outra de apenas 2,2%. Já no contexto dorsal, a diferença nos percentuais de produção entre as variantes é de 16,4%, o que demonstra uma maior discrepância nesse contexto em comparação com o labial. Contudo, no coronal, apresenta-se o maior desequilíbrio na aplicação dessas variantes, no qual a variante alveolar ultrapassa a aplicação da alveolopalatal em mais de 40%. Assim, é válido frisar que em nenhum dos três contextos vocálicos as alveolopalatais atingiram 50% das realizações. Já quando se trata das alveolares, nos três ambientes, elas alcançaram mais de 51% das aplicações. Para efeito de ilustração, mostram-se algumas dessas produções:

- (5) Participante 6 (Gênero masculino, faixa etária I, ensino superior).
- Eu jogava, assi[ʃ]tia filme.
 - Aconteceu ba[ʃ]tante, até dentro da minha casa.
 - Tinha que mo[ʃ]trar, tinha que falar.

A partir destes exemplos, é possível notar que o mesmo participante palataliza com os três contextos antecedentes distintos, realidade que endossa a constatação de que nenhuma das três articulações do segmento vocálico é capaz de inibir o processo de palatalização do /S/.

Esses resultados confirmam os de Monteiro (2009) e Lima (2017), nos quais as vogais labiais se destacaram como o contexto antecedente mais favorável ao processo, e convergem, parcialmente, com a pesquisa de Brescancini (1996). Nesse estudo, a vogal dorsal revelou-se como o contexto vocálico mais favorável, e as labiais foram identificadas como o segundo grupo vocálico condicionador da variante alveolopalatal. Divergem, portanto, dos resultados de Scherre e Macedo (2000), em que a coronal alta [i] se destacou como a mais favorecedora do processo, e de Bassi (2011), no qual as coronais foram consideradas as vogais favorecedoras da palatalização do /S/.

O cotejamento dos resultados dessas pesquisas conduz-se à conclusão de que não existe uma definição quanto ao contexto fonológico antecedente favorável à palatalização do /S/, visto que, em dialetos diferentes, esse processo é condicionado por grupos vocálicos distintos. Essa constatação corrobora as ideias de Brescancini (2003), uma vez que, para a autora, o processo de palatalização do /S/ ocorre por indução de contextos variados.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelo viés da Teoria da Variação, buscou-se analisar o processo de palatalização do /S/ na fala de Barro Duro – PI, de maneira restrita às variantes alveolar surda [s] e alveolopalatal surda [ʃ]. A análise do fenômeno explicitou os aspectos linguísticos condicionantes e não condicionantes da produção da variante alveolopalatal [ʃ]. Os resultados revelados aqui guardam semelhanças com alguns estudos realizados com esse objeto em outras comunidades de fala brasileiras; entretanto, também apresentaram singularidades.

O cotejamento dos resultados alcançados, nesta pesquisa, com os de outras que endossaram a discussão do fenômeno, permite afirmar que o processo de palatalização do /S/, no que se refere à produção da variante [ʃ], é condicionado, na maioria das vezes, pelas mesmas variáveis linguísticas independentes. Contudo, os fatores das variáveis que se destacam como favoráveis nem sempre são os mesmos. Por exemplo, em alguns dialetos, a posição pretônica manifesta-se como condicionante e, em outros, a posição tônica.

Ao analisar o dialeto de Barro Duro – PI, no tocante à produção dessas variantes, deparou-se com um cenário de desequilíbrio nas realizações, dado que a produção alveolar registrou um percentual de 66,6% (1.118), enquanto a alveolopalatal apenas 34,4% (1.118) de todas as produções.

Os resultados apontaram que a variante alveolopalatal, nessa comunidade de fala, é condicionada por fatores linguísticos, assim como foi constatado em algumas das pesquisas discutidas nesta investigação, dentre as quais se destacam as de Brescancini (1996), Monteiro (2009), Bassi (2011) e Lima (2017).

Desse modo, sublinha-se que, no dialeto barrodureense, a palatalização do /S/ é condicionada pelas variáveis linguísticas:

- (6)
- a. Contexto fonológico seguinte;
 - b. Posição da fricativa na palavra;
 - c. Número de sílabas;
 - d. Posição da fricativa em relação à sílaba tônica;
 - e. Contexto fonológico antecedente.

O contexto seguinte foi a primeira variável selecionada como relevante, apresentando mais de 95% das aplicações da variante com o contexto seguinte constituído pela coronal /t/. Tal fator foi o que alcançou o maior peso entre todos os fatores das variáveis controladas na pesquisa em tela. O resultado evidencia a influência da articulação coronal do segmento seguinte na realização do fenômeno, ao mesmo tempo que explicita o sxtatus semicategórico da alveolopalatal [ʃ] nesse contexto, sendo ele o condicionador que mais favorece a palatalização do /S/ na comunidade de fala de Barro Duro – PI. Ao mesmo tempo, esses dados mostram que, nesse aspecto, a variante manifesta-se no referido dialeto de maneira semelhante ao que ocorre em outras comunidades de fala do país, como é o caso do dialeto paraibano, no qual Hora (2016) constatou a influência do fator na produção da alveolopalatal [ʃ], e no dialeto de São José do Mipibu, em que Cunha e Sales (2020) concluíram que a coronal /t/ foi o contexto seguinte que mais favoreceu o processo em voga.

A análise da variável posição da fricativa na palavra revelou que a posição de coda medial é o segundo fator que mais favorece a produção da variante alveolopalatal [ʃ]. Isso ficou confirmado pelo peso relativo alcançado, o segundo mais alto de todos, ficando atrás somente do fator contexto seguinte constituído pela coronal /t/. Por conseguinte, confirma-se a hipótese quanto à produção da palatalização do /S/ nesse contexto. Tal resultado não provocou nenhuma surpresa, pois o fator se destacou como favorável ao processo em 6 das 10 pesquisas consultadas para este trabalho, a saber: Brescancini (1996), Scherre e Macedo (2000), Macedo (2004), Monteiro (2009), Bassi (2011) e Lima (2017). Por outro lado, a aplicação muito baixa na posição de coda final permite afirmar que o fator é um inibidor relevante da palatalização do /S/ no dialeto de Barro Duro – PI.

Dos fatores que compunham a variável número de sílabas, somente o fator dissílabo se revelou favorável à produção da alveolopalatal [ʃ]. No referido contexto, a aplicação da variante alcançou o peso relativo mais alto. É o terceiro maior valor, ultrapassado pelos fatores contexto fonológico seguinte e posição da fricativa na palavra. A análise da variável apontou as palavras monossílabas como as que mais inibem o fenômeno, visto que atingiram um peso relativo muito baixo. Logo, o resultado supracitado refutou a hipótese adotada, pois acreditava-se que o papel de maior favorecedor da palatalização do /S/ seria desempenhado pelas palavras trissílabas. O cotejamento deste resultado com os de outras pesquisas explicita que, no dialeto de Barro Duro, a variável se comportou de maneira distinta dos outros dialetos, dado que, até mesmo nos que ela foi selecionada como relevante, o fator que mais favoreceu não foi o dissílabo, mas sim o polissílabo e o trissílabo, respectivamente, em Scherre e Macedo (2000) e Bassi (2011).

A análise da variável posição da fricativa em relação à sílaba tônica apontou a posição pretônica como condicionadora da variante alveolopalatal, ao atingir o peso

FLP 27(1)

relativo mais alto. Revelou, ainda, um contexto com elevado grau de inibição, o postônico, que não registrou nenhuma manifestação da variante. Enquanto isso, o contexto tônico também se mostrou desfavorável ao processo, visto que alcançou peso relativo inferior ao peso considerado neutro. Esses resultados confirmam a hipótese adotada para a variável, uma vez que o fator pretônico se destacou como o mais favorável.

A variável contexto fonológico antecedente foi a última selecionada como relevante. O fator labial, ao alcançar o peso relativo mais alto, destacou-se como o mais favorável à realização do fenômeno. Entretanto, não foi o único, visto que o fator dorsal também alcançou um peso que o revelou como mais um condicionador do fenômeno. Levando-se em consideração esses aspectos, entende-se que a articulação labial, assim como a dorsal, favorece a variante alveolopalatal [ʃ]. Conclui-se ainda, com a análise da variável, que nenhum contexto vocálico atua como inibidor do processo em discussão, uma vez que as coronais alcançaram peso que exprime neutralidade. Assim sendo, o comportamento dessa variável em relação ao fenômeno não pode ser considerado uma surpresa, dada a frequência com que é selecionada como relevante ao processo em outros dialetos, tais como o de Macapá – AP e Caravelas – BA.

É importante mencionar que a significância atribuída aos fatores posição da fricativa na palavra, número de sílabas e posição da fricativa em relação à sílaba tônica pode ser apenas uma consequência da significância do contexto seguinte/t/. Nesse sentido, ele seria de fato o único contexto linguístico que condiciona a palatalização do /S/ na comunidade de fala de Barro Duro – PI.

Portanto, com base na Fonologia Autosegmental, é possível apontar que o fenômeno da palatalização do /S/, no dialeto de Barro Duro, é promovido por dois processos fonológicos sucedentes: assimilação e dissimilação. O primeiro ocorre por meio do espriamento do traço [+ANTERIOR] do /t/ para o segmento /s/. Quando o traço [+ANTERIOR] do /t/ se encontra com o [+ANTERIOR] do /s/, ocorre uma falha, em virtude de serem dois traços iguais, a qual é corrigida por meio da dissimilação, processo que se materializa, nesse caso, com o apagamento do traço [+ANTERIOR] do /s/.

Pretendeu-se, com esta pesquisa, contribuir para o avanço na descrição do fenômeno da palatalização do /S/ em posição de coda nos falares piauienses, o que pode servir como suporte para pesquisas posteriores. Contudo, aponta-se a importância de investigar, simultaneamente, as variantes [s], [z], [ʃ] e [ʒ], além de explorar um número maior de participantes, para, com isso, obter-se um panorama mais completo do comportamento desse fenômeno linguístico no dialeto de Barro Duro – PI.

Recebido em fevereiro de 2025
Publicado em julho de 2025

REFERÊNCIAS

- BASSI, A. **A palatalização da fricativa em coda silábica no falar florianopolitano e carioca: uma abordagem fonêmica**. 2011. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.
- BISOL, L. Ditongos derivados. **Delta**, São Paulo, v. 10, p. 123-140, 1994.

BISOL, L. **Introdução a estudos de fonologia do português brasileiro**. 4. ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2005.

BRESCANCINI, C. R. **A palatalização da fricativa alveolar não-morfêmica em posição de coda no português falado em três regiões de influência açoriana do município de Florianópolis: uma abordagem não linear**. 1996. 186 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

BRESCANCINI, C. R. A representação lexical das fricativas palato-alveolares: uma proposta. **Revista Letras**, Curitiba, n. 61, p. 299-310, 2003.

CLEMENTS, G. N.; HUME, E. V. The internal organization of speech sounds. In: GOLDSMITH, J. A. (ed.). **The handbook of phonological theory**. Oxford: Blackwell Publishing, 1995. p. 3-71.

CUNHA, C. M.; SALES, G. Produção do /S/ pós-vocálico em São José do Mipibú-RN. **Revista do GELNE**, Natal, v. 22, n. 2, p. 78-92, 2020.

HERNANDORENA, C. L. M. A geometria de traços na representação das palatais na aquisição do português. **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 29, n. 4, p. 159-167, 1994.

HORA, D. Processo de palatalização das fricativas da língua portuguesa. **Revista do GELNE**, Natal, v. 1, n. 2, p. 34-36, 2016.

LABOV, W. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

LABOV, W. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, R. (org.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Oxford: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

LIMA, J. G. **O jogo na comunidade de Caravelas – BA: variação da fricativa coronal pós-vocálica**. 2017. 117 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2017.

MACEDO, S. S. **A palatalização do /s/ em coda silábica no falar culto recifense**. 2004. 156 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2004.

MADRUGA, M. R. **Fonética e fonologia da língua portuguesa**. Londrina: Editora e Distribuidora S.A., 2018.

MOLLICA, C. M. Relevância das variáveis não linguísticas. In: MOLLICA, C. M.; BRAGA, M. L. (org.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2021. p. 101-120.

MONTEIRO, R. C. N. **A produção palato-alveolar de /s/ nas vozes do Amapá**. 2009. 158 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2009.

SCHERRE, M. M. P.; MACEDO, A. V. T. Restrições fonética-fonológica e lexicais: o s-pós-vocálico no Rio de Janeiro. In: MOLLICA, C. M.; MARTELOTTA, M. E. (org.). **Análises linguísticas: as contribuições de Macedo**. Rio de Janeiro: Universidade

Federal do Rio de Janeiro, 2000. p. 25-45.

SILVA, T. C. **Fonética e fonologia do português**. 11. ed. São Paulo: Contexto, 2021.

WEINREICH, U.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. Tradução: Marcos Bagno. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.

FLP 27(1)